

A Psicologia grupal e a intervenção com famílias

Katia Adriana Padilha Pessoa¹

Resumo: O presente artigo visa analisar as formas de intervenção de uma psicoterapeuta, buscando conhecer como a Psicologia Grupal promove processos interventivos em grupos familiares. Para tanto foram feitas observações a atendimentos em uma clínica-escola, de um grupo familiar. Num primeiro momento buscou-se caracterizar a família e a demanda, e, na sequência, analisar a Psicologia Grupal na intervenção com a família. É o objetivo deste trabalho, compreender como a Psicologia Grupal pode auxiliar os membros das famílias a viverem e conviverem diante das diferentes fases do ciclo de vida familiar e dos conflitos próprios deste grupo. Tal prática possibilitou verificar que, ao terapeuta, é possível utilizar-se de diferentes abordagens para construir o trabalho que se pretende seja eficiente para alcançar a saúde familiar. A Psicologia Grupal abriu essa possibilidade a partir do momento que se constitui enquanto um tipo de intervenção, respeitando todas as abordagens, vindo nas mesmas, formas de contribuir para a saúde de seus clientes.

Palavras chave: Psicologia dos grupos; Psicologia grupal; Terapia familiar.

Abstract: This article aims to analyze the forms of intervention of a psychotherapist, seeking to know how Grupal Psychology promotes interventional procedures in family groups. Therefore, we made observations to calls in a school clinic, a family group. At first we tried to characterize the family and demand, and, in sequence, analyze Grupal Psychology at intervention with the family. It is the objective of this work, understand how Grupal Psychology can help family members to live and coexist on the different stages of family life cycle and own conflicts of this group. This practice enabled us to verify that the therapist, it is possible to use different approaches to building work that is intended to be effective to achieve family health. The Grupal Psychology opened this possibility from the moment that is as a kind of intervention, respecting all approaches, seeing in them, ways to contribute to the health of their clients.

Keywords: Psychology of groups; Group psychology; Family therapy .

1 INTRODUÇÃO

Inúmeras são as formas, através das quais a Psicologia se utiliza a fim de intervir para que seus clientes possam viver e conviver de forma mais saudável e harmoniosa possível. Uma delas é a Terapia Grupal. Compreende-se de acordo com Zimerman (2010) que o homem é um ser que convive em grupos, subsistindo em função de suas inter-relações, numa busca constante de identificar-se enquanto indivíduo, mas também, enquanto grupo. A Psicologia entende a importância de compreender os processos que

¹Cesuca, Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: pessoa.katia@gmail.com.

ocorrem e são decorrentes da vida grupal e compreende, desta forma, que a Psicologia Grupal, de acordo com o mesmo autor, se constitui a partir do fato de que todos os indivíduos vivem a maior parte de suas vidas revezando-se por distintos grupos. Pichón-Rivière (2009), assim como Zimerman (2010) vê o homem como um ser social, buscando compreendê-lo em seu contexto social, o que considera tornar possível uma melhor operacionalização de sua conduta em sociedade.

Distinguindo interesses comuns de interesses em comum, Zimerman (2010), caracteriza o que seria grupo, sendo então, pessoas reunidas com interesses em comum. É com este grupo, que possui objetivos em comum, que a Psicologia Grupal trabalha. Um grupo, de acordo com o autor, que possui normas e mecanismos próprios; que se reúne em torno de algo; que torne possível a interação comunicacional, tanto visual, auditiva, verbal ou conceitual; que possua enquadre e cumprimento de combinações, nele estabelecidas; que apesar das individualidades se constitua como um todo; que apesar do todo se compreenda as individualidades; que aceite as perdas e os ganhos, e, por fim, que seja dinâmico.

Um dos grupos em que é possível ver a convivência social, a interação dos indivíduos e que se pretenda que vivam com interesses em comum é na família. Wagner e Levandowski (2008) citam Wagner (2001) ao constituir a família como um local em que se vivem as emoções mais marcantes e intensas da experiência humana, independente de sua estrutura e configuração. As autoras salientam a importância de compreender as diferentes configurações familiares que caracterizam a sociedade do século XXI, tanto no que diz respeito às questões emocionais e afetivas, quanto a questões estruturais, como por exemplo, quem constitui a família e os papéis de cada membro.

Tendo como base os conceitos acima descritos, questiona-se sobre como a Psicologia grupal pode auxiliar as famílias nos conflitos próprios de cada etapa do ciclo de vida familiar. Desta forma, é objetivo deste relato analisar como a Psicologia Grupal promove processos interventivos nos grupos familiares.

No decorrer deste artigo, procurar-se-á, a partir de uma experiência de atendimento a uma família, na sala de espelhos da clínica-escola¹ do Cesuca – Faculdade Inedi, compreender como a Psicologia Grupal pode auxiliar os membros deste grupo, em especial, a viverem e conviverem diante das diferentes fases do ciclo de vida familiar e dos conflitos próprios deste grupo social. Num primeiro momento será feita a caracterização da demanda e a proposta de intervenção observada, e, em seguida, tentar-se-á atender ao objetivo desta pesquisa, procurando analisar como a Psicologia grupal trabalha com os grupos familiares.

¹ As clínicas-escola são ambientes criados dentro de espaços acadêmicos de estudo e pesquisa que surgem para oferecer treinamento aos alunos e para atender a comunidade nos serviços psicológicos (Enéas, Faleiros & Andrade e Sá, 2000).

¹Cesuca, Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: pessoa.katia@gmail.com.

2 METODOLOGIA

Para realização deste trabalho, procedeu-se a um estudo de caso único²; uma família atendida na clínica-escola do Cesuca – Faculdade Inedi.

Foi realizada uma pesquisa qualitativa³, onde foi possível observar a família acima citada, descrevendo os processos ali apresentados.

Na revisão bibliográfica⁴ foram selecionados treze artigos publicados em periódicos nacionais e cinco livros. A busca pelos textos foi realizada a partir dos seguintes termos chave: Psicologia dos Grupos, intervenção com famílias, Psicologia Grupal, alcoolismo e dificuldades de aprendizagem.

Quanto à ação, frente à bibliografia selecionada, foi feita a leitura exploratória dos artigos pesquisados. A partir desta postura exploratória, partiu-se para a leitura seletiva, tal atividade teve cunho crítico e interpretativo, buscando atender aos objetivos deste artigo. Desta forma, dos treze artigos lidos foram selecionados dez para a produção deste relato.

3 CARACTERIZAÇÃO DA DEMANDA E A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Inúmeros são os motivos que levam as pessoas a buscarem auxílio no atendimento psicológico, um deles pode ser caracterizado pelo encaminhamento escolar devido à queixa de dificuldades escolares. Medeiros, Loureiro, Linhares e Marturano (2000) mencionam o fato de que as experiências escolares fazem parte da trajetória do desenvolvimento humano e contribuem para as experiências que ainda serão vivenciadas por cada um, alegam que o ingresso na educação formal se dá, no período em que Erick Erickson (1950/19710) designa como fase da produtividade versus inferioridade, período este em que a criança/adolescente precisa ser reconhecida como capaz e valorizada em seu ambiente. O sucesso nesta fase, segundo as autoras, produzirá um desenvolvimento satisfatório, com sentimento de valorização da sociedade. Por outro lado, o insucesso gerará o senso de incapacidade de viver e passar por esta fase do desenvolvimento. Rosa, Garcia, Domingos e Silves (2000) mencionam que atenção especial tem sido dada aos mecanismos de ação e formas de atuação que previnam problemas psicossociais infantis. Salientam sobre a importância a ser dada aos fatores que determinam estes problemas.

² Segundo Yin (2001), estudo de caso representa uma investigação empírica, a partir de um método abrangente. É composto pelo planejamento, a coleta e a análise de dados. Salienta que o estudo de caso trata-se de um sistema delimitado cujas partes são integradas. Por se tratar de um estudo de caso único é possível aprofundar-se na investigação.

³ Godoy (1995) salienta que a abordagem, designada como pesquisa qualitativa utiliza-se da observação e da entrevista, descrevendo o que está sendo visto e a fala dos entrevistados.

⁴ A pesquisa bibliográfica segundo Marconi e Lakatos (2007) é a análise e seleção de tudo o que é dito, escrito ou filmado a respeito de um assunto.

¹Cesuca, Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: pessoa.katia@gmail.com.

Sendo então as dificuldades escolares um dos problemas que levam ao atendimento psicológico, a família que se tentará aqui descrever, buscou atendimento na clínica-escola do Cesuca – Faculdade Inedi, situado em Cachoeirinha, Rio Grande do Sul, a fim de obter auxílio ao que chamaram de dificuldade de aprendizagem de dois irmãos, gêmeos, de doze anos de idade. Além desta queixa, relatam que os meninos tinham problemas de convivência e de obediência às normas estabelecidas, tanto na escola, quanto em casa.

Como forma de intervenção, foi proposto que fosse feito um trabalho de terapia familiar, onde seriam atendidos: o padrasto, a mãe e os dois meninos. Segundo Nichols e Schwartz (2007) a terapia familiar não tem como intuito mudar o indivíduo em seu contexto individual. Os autores veem que a mesma busca provocar mudanças em todos os membros da família, o que ocasionará uma melhora duradoura, pois cada membro sofrerá alterações em seu proceder e continuará provocando mudanças no contexto familiar.

Ao se delinear o tipo de atendimento que seria proposto e obter o aceite da família, programaram-se as sessões. Desta forma, o atendimento ocorreria em sala de espelhos, sendo assistido pelos alunos do Cesuca, o que foi informado aos clientes, sendo aceito e assinado o termo de consentimento livre esclarecido (TCLE). Tendo sido organizado os trâmites legais e éticos a família foi atendida em cinco sessões, sendo elas: três sessões com todos os membros, uma sessão com os adultos e uma sessão de retorno de atendimento. Devido a problemas externos a faculdade, a sessão designada para o atendimento dos adultos, foi realizada somente com o padrasto, pois a mãe teve um contratempo o que a impossibilitou de estar presente.

Na primeira sessão buscou-se conhecer a família e a demanda. Como dito anteriormente, a família é composta por padrasto, mãe e dois filhos, meninos de doze anos. Acrescenta-se, porém que além dos gêmeos a mãe possui mais seis filhos, já adultos que não residem na mesma casa. A mãe é separada do pai dos meninos há, em média, cinco anos. Foram causas da separação o alcoolismo do ex-marido e as agressões que sofria. Rossato e Kirshhof (2006) mencionam que o alcoolismo é um desafio para a Saúde Pública no Brasil, tendo em vista que acomete de 3% a 10% da população adulta. Os filhos não foram favoráveis à separação. Os meninos fazem visitas frequentes ao pai, porém a mãe vê nisto um problema, tendo em vista o comportamento agressivo e desobediente que os dois apresentam quando regressam. Logo após a separação, a mãe iniciou o relacionamento com o padrasto, e estão juntos há aproximadamente quatro anos. O padrasto é dependente químico e esteve internado, em uma clínica para dependentes químicos durante um período, deste tempo, em que estão juntos.

Há pouco tempo mudaram de residência, e os meninos devido ao término do atendimento ao ano escolar em que se encontram, pela instituição escolar que frequentavam, precisaram trocar de escola. Nos anos iniciais estudaram sempre na mesma turma, agora, porém, se encontram em turmas separadas. A mãe e o padrasto trouxeram a queixa, como dito anteriormente, de que os meninos não obedecem; tem dificuldades na convivência em família; apresentam dificuldades na escola, tanto na aprendizagem, quanto na obediência as normas da mesma, sendo encaminhados a busca de tratamento.

¹Cesuca, Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: pessoa.katia@gmail.com.

Marçal e Silva (2006) apontam que 50% a 70% dos encaminhamentos escolares ao serviço público de saúde têm como queixa dificuldades de aprendizagem e problemas comportamentais, dentro e fora da sala de aula.

Na segunda sessão, tendo em vista que os adultos informaram sobre constantes brigas em casa, a terapeuta buscou fazer exposições que os levassem a compreensão dos processos próprios da adolescência. Procurando informar tanto aos adultos, quanto aos adolescentes que o ciclo de vida familiar passa por diferentes fases, sendo uma delas a adolescência. Carter e McGoldrick (2001), num estudo com famílias norte-americanas, dividiram as fases do ciclo de vida familiar, caracterizando-as. Ao que chamaram de famílias com adolescentes, designaram como papéis dos pais a possibilidade de permitir que os filhos movimentem-se dentro e fora do sistema familiar, aumentando a flexibilidade das fronteiras familiares. Os autores dão ênfase ao fato de que é preciso, aos membros da família, modificar a visão de si mesmos, abrindo espaço para a independência da nova geração.

Ainda, nesta sessão, a terapeuta propôs uma tarefa de casa. Dividiu-os em duplas, delegando que cada dupla deveria trazer, na sessão seguinte, dicas do que poderia ser feito para que não ocorressem mais brigas em casa. Bastos (2010) faz menção ao fato da possibilidade de aprendizagem dentro dos grupos, destaca ser esta uma atitude investigativa que abre possibilidades para dúvidas e para inquietações.

A terceira sessão foi caracterizada pelo retorno da tarefa proposta como tema de casa da família. Foram lidas pelos meninos as listas formuladas pelas duplas. Na sequência da atividade foi proposto, pela terapeuta que se produzisse nova lista, agora, porém, com a participação de todos, sendo que cada um daria sugestões sobre o que os outros poderiam fazer para que o ambiente familiar pudesse ser mais harmonioso.

No quarto encontro, o atendimento foi realizado somente com o padrasto, pois, como já foi dito, a mãe não chegou a tempo para a sessão. Desta forma, a terapeuta trabalhou com o relato da história de vida do cliente, formulando, também seu genograma. Zuse, Rossato e Backes (2002) consideram o genograma ou genotograma como um importante instrumento de trabalho da Terapia Familiar Sistêmica, pois o mesmo destaca fatores relevantes para o entendimento do indivíduo e sua família. Prota (1999) destaca, sobre a história de vida, a importância de se levar em conta os olhares de cada um, pois lembra que somos carregados de subjetividade.

A quinta sessão, não será aqui elencada, pois não tem relevância para o estudo que se pretende neste relato.

4 A PSICOLOGIA GRUPAL NA INTERVENÇÃO COM FAMÍLIAS

¹Cesuca, Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: pessoa.katia@gmail.com.

Analisar o tipo de intervenção proposta no atendimento à família descrita neste relato, compreendendo as diferentes formas de atuação da terapeuta, é relevante, pois, se pretende a análise de como a Psicologia Grupal promove processos interventivos nos grupos familiares. Para essa compreensão se faz necessário o conhecimento dos tipos de grupos utilizados pela Psicologia grupal, sendo assim, Zimerman (2010) classifica os grupos como operativos e terapêuticos, baseando-se no critério de finalidade.

De acordo com Zimerman (2010), os grupos terapêuticos, por sua vez, podem ser de autoajuda ou psicoterápicos propriamente ditos. No caso, aqui relatado, nas sessões um, dois, e quatro, o grupo utilizado foi o psicoterápico propriamente dito. Tal grupo, para o autor está dirigido ao *insight*, podendo ser de base psicanalítica, psicodramática, de teoria sistêmica, da corrente cognitivo-comportamental, ou, ainda, de abordagem múltipla. Mais especificadamente, na família atendida, foi utilizada a abordagem múltipla, o que consiste na combinação de todas as demais abordagens, de acordo com o que a terapeuta considerou importante destacar e trabalhar.

A tarefa para casa da sessão dois e a sessão três estavam voltadas ao trabalho do grupo operativo. Zimerman (2010) divide o grupo operativo em ensino-aprendizagem, institucional e comunitário. As atividades propostas como tarefas nestas duas sessões tinham um caráter de ensino-aprendizagem. Bastos (2010) faz menção à importância da aprendizagem no processo grupal, destaca ser este um processo contínuo, em que a comunicação e a interação se tornam indissociáveis na medida em que há inter-relações. Pichón-Rivière (2009) considera que um grupo familiar que trabalha de forma eficaz em suas tarefas é um grupo operativo, em que cada membro desempenha seus papéis, mas também é capaz de assumir outros papéis se assim se fizer necessário.

Na família observada foi possível perceber a dificuldade na realização da atividade proposta, pois, o que era para ser realizado em duplas, foi realizado de forma individual; o que deveria tê-los levado a reflexão de si próprios e suas formas de agir, levou-os a pensarem sobre o que os outros estavam fazendo de certo ou errado, com maior destaque dos adultos da família para com os adolescentes. Desta forma, coube à terapeuta retomar a atividade, fazendo-os perceberem-se enquanto membros que provocam alterações no sistema familiar, podendo estas ser positivas ou negativas. Pichón-Rivière (2009) acrescenta que num grupo saudável, operativo, os sujeitos se reconhecem enquanto indivíduos, e, também, enquanto participantes de um coletivo; desempenham seus papéis; vivem de acordo com as normas da complementariedade; são abertos e comunicação e estão em pleno desenvolvimento do processo de aprendizagem social.

É importante destacar que a intervenção quando feita em famílias deve levar em consideração que se trata de um sistema, em que estão envolvidos subsistemas. Zimerman (2010) alerta para o fato de que se deve ter cuidado para que a terapia familiar não se torne uma terapia individual, onde os demais membros da família se tornem expectadores da terapia do membro considerado paciente. Quanto ao paciente identificado, o autor destaca que é necessário desmascarar a farsa de que somente um é responsável, enquanto os outros são vítimas.

¹Cesuca, Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: pessoa.katia@gmail.com.

Torna-se relevante, também, destacar, mesmo que de forma breve, que a queixa da família estava voltada para as dificuldades escolares apresentadas pelos meninos, em especial um deles, o qual é caracterizado pela família como apresentando, em casa, comportamentos que estão em desacordo com o que a mãe e padrasto consideram ser o adequado. Bruck (1986) citado por Rosa et. al. (2000), considera que problemas emocionais, tais como: alto nível de ansiedade, depressão, problemas de adaptação social e distúrbios de comportamento, muitas vezes resultam no fracasso escolar e no estigma de criança com dificuldade de aprendizagem. Segundo Medeiros et.al. (2000), ao se fazer alusão às dificuldades de aprendizagem não se pode deixar de considerar: as distorções dos sistemas educacionais e as influências ambientais; o que, de acordo com os autores, funcionam como contexto para as manifestações comportamentais. Salientam, ainda, a importância das variáveis internas, como: crenças, expectativas e afetos, que funcionam como estímulo e resposta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elencaram-se, neste relato, a demanda e a intervenção de uma família atendida na sala de espelhos da clínica-escola do Cesuca – Faculdade Inedi, procurando-se analisar como a Psicologia grupal intervém de forma a auxiliar para que a família possa viver e conviver de forma mais saudável e harmoniosa possível. Destaca-se a importância de ver a família como um sistema, tornando a todos participantes ativos dos processos que a envolvem, isto é, todos os membros da família são responsabilizados pela forma como este sistema se encontra.

Oportunizar que a família se veja e se ouça; ora compartilhando ideias, ora discordando entre si, os faz perceberem-se em suas individualidades, porém participantes de uma coletividade que os constituem enquanto membros daquela família.

Concluindo, tal prática possibilitou verificar que, ao terapeuta, é possível utilizar-se de diferentes abordagens para construir o trabalho que se pretende seja eficiente para alcançar a saúde familiar. A Psicologia grupal abriu essa possibilidade a partir do momento que se constitui enquanto um tipo de intervenção, respeitando todas as abordagens, vendo nas mesmas, formas de contribuir para a saúde de seus clientes.

REFERÊNCIAS

BASTOS, A.B.B.I. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichón-Rivière e Henri Wallon. *Psicólogo In-Formação*. v.14, n. 14, p. 160-169, 2010.

¹Cesuca, Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: pessoa.katia@gmail.com.

CARTER, B., MCGOLDRICK, M. *As Mudanças no ciclo de vida familiar*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ENÉAS, M.L.E; FALEIROS, J.C; ANDRADE E SÁ, A.C. Uso de Psicoterapias Breves em Clínica-Escola: Caracterização dos processos com adultos. *Psicologia: Teoria e Prática*. v. 2 n. 2, p. 9-30, 2000.

GODOY, A.S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*. v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

MARÇAL, V.P.B; SILVA, S.M.C. A queixa escolar nos ambulatórios públicos de saúde mental: práticas e concepções. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*. v. 10 n. 1, p. 121-131, 2006.

MARCONI, M.A; LAKATOS, E.M. *Metodologia Científica*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MEDEIROS, P.C; LOUREIRO, S.R; LINHARES, M.B.M; MARTURANO, E.M. A auto-eficácia e os aspectos comportamentais de crianças com dificuldades de aprendizagem. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. v.13 n.3, p. 327-336, 2000.

PICHÓN-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. 8 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda. 2009.

PROTA, L. O papel da universidade na construção do saber sobre idosos. *Serviço Social em Revista*. v. 2 n. 2, p. 7-17, 1999.

ROSA, L.T.B; GARCIA, R.M; DOMINGOS, N.A.M; SILVARES, E.F.M. Caracterização do atendimento psicológico prestado por um serviço de psicologia a crianças. *Estudos de Psicologia*. v.17 n. 3, p. 5-14, 2000.

ROSSATO, V.M; KIRCHHOF, A.L.C. Famílias alcoolistas: a busca de nexos de manutenção, acomodação e repadronização de comportamentos alcoolistas. *Revista Gaúcha de Enfermagem*. v. 27, n. 2, p. 251-257, 2006.

WAGNER, A. & LEVANDOWSKI, D.C. Sentir-se bem em família: um desafio frente a diversidade. *Revista Texto e Contexto*. v.7 , n.1, p. 88-97, 2008.

YIN, R. *Estudo de caso: planejamento e método*. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

¹Cesuca, Cachoeirinha, RS, Brasil. E-mail: pessoa.katia@gmail.com.

ZIMERMAN, D.E. *Fundamentos Básicos das Grupoterapias*. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ZUSE, A.S; ROSSATO, V.M.D; BACKES, V.M.S. Genetograma, um instrumento de trabalho na compreensão sistêmica da vida. *Revista Latino-americana de Enfermagem*. v.10 n.3, p. 300-320, 2002.

